

## Da vida para a história: a redescoberta de Charles Frederick Hartt na Era Vargas

Daniela Kern / PUCRS

**Resumo:** A partir da criação do SPHAN em 1937, um nome reaparece nas publicações científicas do período: o do naturalista Charles Frederick Hartt (1840-1878). Responsável pelas primeiras pesquisas sobre a cerâmica marajoara divulgadas internacionalmente, sua teoria sobre a evolução do ornamento, amplamente divulgada na década de 1870 nos Estados Unidos, será posta de lado pelos colegas americanos já na década de 1880. No Brasil a situação será diferente, e observaremos, durante a Era Vargas, novas leituras dessa teoria. O presente trabalho pretende analisar como as idéias de Hartt sobre arqueologia amazônica, são recebidas em textos como *Estilização* (1928), de Edgar Roquette Pinto (1884-1954), e *Arqueologia amazônica* (1942), de Gastão Cruls (1888-1959).

**Palavras-chave:** Teoria do ornamento, História das idéias, História da arte

Quanto tempo uma teoria científica leva para envelhecer? Ou, para usar os termos de Thomas Kuhn, quanto tempo é necessário para que, após a “revolução científica”, o velho paradigma seja substituído efetivamente pelo novo?<sup>1</sup> Poucas vezes essa pergunta geral, subjacente a muitos estudos de história das idéias, admite uma resposta absoluta. Isso porque os incontáveis fatores envolvidos nesse envelhecimento vão desde diferenças de condições de pesquisa a diferenças políticas. É interessante observar os variados ritmos de envelhecimento de uma mesma teoria em centros de estudo geográfica e culturalmente distintos. As idéias do naturalista Charles Frederick Hartt sobre a evolução do ornamento na cerâmica constituem-se em excelente exemplo nesse sentido, uma vez que foram discutidas tanto nos Estados Unidos quanto no Brasil, e tiveram vida muito mais longa aqui do que lá. Antes de investigarmos as razões dessa longevidade em terras brasileiras, vejamos primeiramente quem foi Hartt, que idéias foram essas e como foram recebidas nos Estados Unidos.

Charles Frederick Hartt (1841-1878) foi o jovem naturalista canadense que, discípulo de Agassiz, empreendeu cinco viagens ao Brasil, a primeira em 1865 e a última, em 1874.<sup>2</sup> Geólogo de formação e professor de Geologia na Universidade de Cornell, em Ithaca, Hartt começa a se interessar por etnologia e arqueologia devido ao contato com os índios e com a ainda pouco explorada arqueologia indígena do Brasil. Em 1871 dá a conhecer a cerâmica marajoara à comunidade científica internacional quando publica o artigo *The ancient indian*

<sup>1</sup> Cf. KUHN, Thomas. *A estrutura das revoluções científicas*, São Paulo: Perspectiva, 2007.

<sup>2</sup> Para uma descrição detalhada dessa viagem, ver as seguintes obras de Marcus Vinicius de Freitas: *Hartt: Expedições pelo Brasil Imperial 1865-1878*, São Paulo: Metalivros, 2001, e *Charles Frederick Hartt, um naturalista no Império de Pedro II*, Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002.

2

*pottery of Marajo* no *The American Naturalist*. A partir de então seu interesse pela cerâmica marajoara cresce. Em 1873 profere na *Convocation of the University of the State of New York*, reunião anual realizada pela universidade, em Albany, a conferência *Beginning of art, or evolution in ornament*. Em 1874 apresenta a conferência *Evolution in ornament*, em vários outros lugares, como, por exemplo, na *Natural History Society*,<sup>3</sup> e na *Cooper Union Free Course for the People*, em Nova York.<sup>4</sup>

O interesse pela arqueologia indígena permanecerá naquela que seria sua última viagem ao Brasil. Em 27 de agosto de 1874 Hartt chega a Nova York,<sup>5</sup> em 5 de setembro embarca para o Brasil, em um navio que passaria antes pela Europa,<sup>6</sup> e desembarca finalmente em 15 de novembro.<sup>7</sup> Nomeado chefe da Comissão Geológica do Império criada em 30 de abril de 1875, propôs, além dos estudos geológicos, que a Comissão se encarregasse do “estudo da arqueologia do país e da etnologia das tribos existentes”.<sup>8</sup> Fato bem conhecido, a Comissão é desfeita em 1877 e Hartt falece em março de 1878. Com sua morte, fica impossibilitada a publicação de seu alentado livro sobre a arqueologia brasileira, *Brazilian Antiquities*.

*Evolution in ornament* será provavelmente o mais comentado artigo de Hartt, nos Estados Unidos, entre antropólogos e arqueólogos.<sup>9</sup> Originário da série de palestras proferidas em 1874, é publicado, em janeiro de 1875, em uma das mais influentes revistas americanas de divulgação científica, a *Popular Science Monthly*.<sup>10</sup> Esse texto é totalmente diferente da

---

<sup>3</sup> SIMONDS, Frederick W. Professor Ch. Fred Hartt, M. A. – A Tribute. *The American Geologist*, v. XIX, n. 2, p. 81, 1897. Provavelmente se trata da *Natural History Society of New Brunswick*, que Hartt funda com G. F. Matthew em 1862, na época em que ainda eram estudantes.

<sup>4</sup> City and suburban news. *The New York Times*, New York, 14 fev. 1874. A *Cooper Union for the Advancement of Science and Art*, escola progressista fundada em 1859 por Peter Cooper, visava oferecer cursos noturnos gratuitos para a formação continuada de adultos

<sup>5</sup> Arrivals at the hotels. *The New York Times*, New York, 29 ago. 1874.

<sup>6</sup> Prof. Hartt's expedition to Brazil. *The New York Times*, New York, 13 ago. 1874.

<sup>7</sup> The Argentine Republic. *The New York Times*, New York, 21 nov. 1874.

<sup>8</sup> Relatório apresentado à Assembléia Geral legislativa pelo Ministro e Secretário de Estado dos Negócios da Agricultura, Commercio e Obras Públicas, Rio de Janeiro, Typografia Americana, 1877, apud FIGUEIRÓA, Silvia Fernanda de Mendonça. A Comissão Geológica do Império do Brasil. In: DANTES, Maria Amélia M. (Org.). *Espaços da Ciência no Brasil: 1800-1930*, Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2001. p.121.

<sup>9</sup> Na época a arqueologia e a etnologia americanas eram vistas como braços da antropologia. Cf. TRIGGER, Bruce G. *A history of archaeological thought*. 2. ed., New York: Cambridge University Press, 2007. p. 187-188.

<sup>10</sup> Cf. HARTT, Charles Frederick. Evolution in ornament. *Popular Science Monthly*, v. VI, p. 266-275, jan. 1875.

3

conferência de 1873, *Begginnings of art*, e nele Hartt aplica a teoria da evolução ao desenvolvimento formal dos ornamentos: primeiro teriam surgido as retas, mais fáceis de serem vistas pelo olho, e depois, para evitar a monotonia formal, configurações mais complexas envolvendo curvas. Acompanhando essa evolução formal poderíamos inferir o progresso cultural dos diferentes povos. Essa teoria sobreviverá por algum tempo junto aos antropólogos e arqueólogos americanos. É importante salientar que logo após a morte de Hartt é criado, nos Estados Unidos, o *Archaeological Institute of America* (AIA), que passa a financiar escavações em sítios arqueológicos clássicos e também a desestimular a arqueologia indígena americana, considerada no máximo curiosa, mas não útil.<sup>11</sup> No primeiro encontro da entidade, em 1879, tem início o choque entre os que desprezam a arqueologia indígena e os que a defendem. Os arqueólogos e antropólogos dedicados ao estudo de artefatos indígenas vivem em um contexto pouco favorável, de reduzido prestígio e escassos recursos para pesquisa, mas continuam a se reunir e a discutir teorias limítrofes entre as duas áreas.

Interessa-nos acompanhar a 87ª. reunião da *Anthropological Society of Washington* que ocorre no dia 16 de dezembro de 1884, presidida pelo Major J. W. Powell.<sup>12</sup> Nesta reunião o texto de Hartt será minuciosamente discutido pelos principais antropólogos do país, passados quase dez anos desde sua publicação. O debate tem início quando o antropólogo, etnólogo e arqueólogo William Henry Holmes (1846-1943) lê o artigo *Origin and development of form and ornament in ceramic art*,<sup>13</sup> no qual defende uma origem materialista<sup>14</sup> para a ornamentação na cerâmica:

The elements of ornamentation are derived chiefly from two sources from the suggestions of incidents attending manufacture, and from objects, natural and artificial, associated with the arts. Artificial utensils have a still more decided influence upon ceramic decoration. The constructional features of textile vessels impress themselves upon the plastic clay in manufacture, and in time are repeated and copied for the pleasure they give.<sup>15</sup>

<sup>11</sup> WINTERER, Caroline. *The culture of classicism. Ancient Greece and Rome in American intellectual life (1780-1910)*, Baltimore; London: The John Hopkins University Press, 2002. p. 162.

<sup>12</sup> Cf. Eighty-Seventh Regular Meeting, Dec. 16, 1884. *Transactions of the Anthropological Society of Washington*, v. 3, p. 108-115, 6 nov. 1883 - 19 mai. 1885.

<sup>13</sup> Esse artigo será mais tarde publicado no *Fourth Annual Report of the Bureau of Ethnology to the Secretary of the Smithsonian Institution*, 1882-1883, Washington: Government Printing Office, 1886. p. 437-466. Nele Holmes evidencia os pontos em que não concorda com Hartt.

<sup>14</sup> DÉLÉAGE, Pierre. *Brève chronologie de l'anthropologie de l'art (1800-1950)*. Disponível em: <http://pierredeleage.googlepages.com/syntheseanthropart.pdf>. Acesso em: 13 mai. 2008.

<sup>15</sup> Eighty-Seventh Regular Meeting, Dec. 16, 1884. *Transactions of the Anthropological Society of Washington*, v. 3, p. 113, 6 nov. 1883 - 19 mai. 1885.

4

O próximo a falar é o Prof. Otis Tufton Mason (1838-1908), que compara e concilia as teorias de Hartt e de Holmes sobre o ornamento. Para Mason, Holmes ocupa-se com a origem exterior, objetiva do ornamento, suas motivações materiais, enquanto Hartt se ocupa do lado subjetivo, aqui entendido como fisiológico e relacionado ao funcionamento do olho:

The lines of least resistance are partly in the hand of the potter, indeed, as Mr. Holmes has shown; they are partly in the muscles of the eye, as Mr. Hartt has said; but further back than all this is the force of usage and inheritance.<sup>16</sup>

Em seguida, o professor de anatomia e antropólogo Frank Baker (1841-1918) anuncia que Hartt prova desconhecer, em sua teoria, algumas leis fisiológicas responsáveis pelo movimento do olho, enquanto Frank Hamilton Cushing (1857-1900) defende que a origem do ornamento na cerâmica não se encontra na adaptação das formas ao olho, mas sim deriva-se dos padrões previamente desenvolvidos na arte da cestaria.<sup>17</sup> Cushing conheceu bem Hartt: aos dezoito anos o procurou em Cornell e, depois de muita insistência, acabou por impressioná-lo com seus achados de arqueologia indígena.<sup>18</sup>

No início da década de 1890 o novo artigo de W. H. Holmes, *On the Evolution of Ornament – An American Lesson*,<sup>19</sup> parece marcar a superação das idéias de Hartt. Afora o título, clara alusão a *Evolution in ornament* de Hartt, nenhuma menção a ele é feita ao longo do texto. Assim, a próxima geração de antropólogos a tratar da ornamentação na cerâmica indígena citará Holmes e Cushing, mas não Hartt. É o que fez Franz Boas em *El arte primitivo*:

Cushing y Holmes han sostenido la teoría de que la cerámica y los diseños de la misma se han desarrollado de la cestería, que las vasijas fueron primero modeladas en una cesta y que la cesta y su cubierta de barro fueron

<sup>16</sup> Eighty-Seventh Regular Meeting, Dec. 16, 1884. *Transactions of the Anthropological Society of Washington*, v. 3, p. 115, 6 nov. 1883 - 19 mai. 1885.

<sup>17</sup> Cushing menciona a teoria de Hartt também em um texto publicado pouco mais tarde, *A Study of Pueblo Pottery as Illustrative of Zuñi Culture Growth*, e procura, na medida do possível, ampliar as possibilidades de seu antigo professor, sem negá-las de todo. Cf. CUSHING, Frank Hamilton. *A Study of Pueblo Pottery as Illustrative of Zuñi Culture Growth*. Fourth Annual Report of the Bureau of Ethnology to the Secretary of the Smithsonian Institution, 1882-83, Washington: Government Printing Office, 1886. p. 467-522, especialmente p. 509, subcapítulo *Evolution of decoration*.

<sup>18</sup> Para uma narrativa detalhada desse episódio pitoresco, cf. MCGEE, W. J. In Memoriam: Frank Hamilton Cushing. *American Anthropologist*, n. 2, p. 354-380, 1900.

<sup>19</sup> *American Anthropologist*, v. 3, n. 2, p. 137-146, apr. 1890.

quemadas a continuación. De esta manera la cesta se quemaba y la vasija de barro quedaba con la forma de la cesta.<sup>20</sup>

Cushing e Holmes descartaram Hartt na década de 1880, e Boas, por sua vez, descartará a ambos na década de 1920, afirmando que não há o que justifique a origem da ornamentação na cestaria. Por outro lado, a discussão sobre a teoria de Hartt no Brasil, como veremos a partir de agora, avançará ainda em plena década de 1930.

No Brasil foi publicado o texto de Hartt referente à conferência de 1873, cujo título foi traduzido como *As origens da arte ou a evolução do ornamento*,<sup>21</sup> ou seja, o texto que representa a fase inicial de sua reflexão sobre o tema. Em *As origens* Hartt toma como principal objeto de estudo a ornamentação da cerâmica marajoara, e descreve sua surpresa ao encontrar nela motivos semelhantes aos da cerâmica da Grécia clássica. Desenvolve também a idéia de que as melhores formas se adaptam ao olho, o que classifica como um tipo de darwinismo. As teorias de Hartt sobre o ornamento são esporadicamente citadas no Brasil desde a década de 1880, mas aqui a situação da arqueologia era ainda mais difícil que a da arqueologia americana, e é apenas com a criação do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (SPHAN), uma instituição interessada, entre outras coisas, na preservação do patrimônio arqueológico, durante a era Vargas, que o texto de Hartt sobre ornamento volta de fato à vida acadêmica.

O SPHAN é criado em 1937, e o primeiro número de sua Revista, publicado no mesmo ano, é introduzido por um breve Programa em que Rodrigo Mello Franco de Andrade admite que até então o Brasil era carente de ações sistemáticas de preservação do patrimônio, assim, perdeu-se “um tempo precioso, que cumpre recuperar”.<sup>22</sup> Outros articulistas desta mesma edição da Revista chamam a atenção para a situação em que se encontrava o patrimônio arqueológico brasileiro antes da criação do SPHAN. Heloísa Alberto Torres escreve: “A não ser a campanha em prol da organização da exposição Antropológica de 1882, desenvolvida

---

<sup>20</sup> BOAS, Franz. *El arte primitivo* (1927), México/Buenos Aires: Fondo de Cultura Economica, s.d., p. 151.

<sup>21</sup> HARTT, Carlos Frederico. A origem da arte ou a evolução da ornamentação. In: MATTOS, Aníbal. *Das origens da arte brasileira*, Belo Horizonte: Editora Apollo, 1936. p. 241-266. A versão mais conhecida desse texto é a publicada nos Arquivos do Museu Nacional, em 1885. Muitas vezes se pensa, erroneamente, que *Beggings of art e Evolution in art* são o mesmo texto, e que a tradução brasileira *A origem da arte* corresponderia ao texto publicado na *Popular Science Monthly*, confusão para a qual contribuiu Simonds, um dos biógrafos de Hartt. Cf. SIMONDS, op. cit., p. 89.

<sup>22</sup> ANDRADE, Rodrigo Mello Franco de. Programa. *Revista do SPHAN*, n. 1, p. 3, 1937.

6

pelo nosso grande Ladisláu Netto, não me consta que já se tivesse realizado outra tentativa no gênero da que inicia a SPHAN. Pelo menos nada de sistemático se fez”.<sup>23</sup> E Raimundo Lopes comenta o quão recente é o interesse público pela preservação do patrimônio:

Quando em abril de 1934 apresentamos à Primeira Conferência brasileira de proteção à natureza (...) a tese que constitui o texto dessa memória, ainda eram incipientes as iniciativas e incompletas as noções sobre o amparo dos monumentos culturais no Brasil. De então para cá, a necessidade de proteger as nossas riquezas culturais foi-se tornando convicção geral.<sup>24</sup>

Vale salientar que no anteprojeto do SPHAN está previsto o estabelecimento de oito categorias de obra de arte patrimonial. Entre as primeiras encontramos a arte arqueológica e a arte ameríndia. Mário de Andrade sugere que sejam tombadas não apenas a cidade de Ouro Preto e as obras de Aleijadinho, mas também as jazidas funerárias do lago Ararí, em Marajó, e no curso de história da arte que ministra em São Paulo, em 1938, ao final do capítulo *Homem natural* recomenda que os estudantes façam um estudo sobre cerâmica amazônica (marajoara ou tapajônica).<sup>25</sup>

Vários textos sobre arqueologia e assuntos correlatos publicados nesse período referem-se à *A origem*, de Hartt. Edgard Roquette-Pinto, que fizera carreira no Museu Nacional entre 1905 e 1936,<sup>26</sup> terá seu artigo *Estilização*, de 1928, republicado em 1937, no primeiro número da Revista do SPHAN. Neste artigo comenta a teoria sobre a evolução do ornamento de Hartt, que conheceu através da tradução publicada nos *Arquivos do Museu Nacional*, em 1885. Roquette-Pinto destaca as passagens “darwinistas”, e considera a teoria, como um todo, teoria de naturalista, e seu conceito de evolução do ornamento “realmente demais objetivo”.<sup>27</sup> Roquette-Pinto, na introdução que escreverá em 1941 à obra *Geologia e geografia física*, de Hartt, afirma: “Hartt foi sempre uma das minhas grandes estimas. Quando entrei para o quadro dos professores do Museu Nacional, em 1906, encontrei na veneranda

<sup>23</sup> TORRES, Heloísa Alberto. Contribuição para o estudo da proteção ao material arqueológico e etnográfico no Brasil. *Revista do SPHAN*, n. 1, p. 11, 1937.

<sup>24</sup> LOPES, Raimundo. A natureza e os monumentos culturais. *Revista do SPHAN*, n. 1, p. 77, 1937.

<sup>25</sup> ANDRADE, Mario de. Curso de filosofia e história da arte. Anteprojeto do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (1938), São Paulo: Centro de Estudos Folclóricos/GFAU, 1955.

<sup>26</sup> Cf. FARIA, L. de Castro. *A contribuição de E. Roquette-Pinto para a antropologia brasileira*, Rio de Janeiro: Museu Nacional, 1959.

<sup>27</sup> ROQUETTE-PINTO, Edgar. *Estilização* (1928). *Revista do SPHAN*, n. 1, p. 60, 1937.

7

morada, ainda bem viva, a lembrança dele”.<sup>28</sup> Mesmo admirador declarado do legado de Hartt, aponta os aspectos da teoria do ornamento que considera defasados.

Nos anos subseqüentes o texto de Hartt continuará a ser lembrado: Carlos Estevão, em *A cerâmica de Santarém* (1939), afirma que "A Cerâmica é, na atualidade, o estalão pelo qual se afere o grau de cultura a que chegaram os primitivos habitantes da Amazônia",<sup>29</sup> repercutindo ainda a idéia de Hartt de que a cerâmica é o índice da posição de determinada cultura na escala evolutiva. Gastão Cruls é outro que citará o texto *A origem* em pelo menos dois momentos: em *Arqueologia Amazônica* (1942) e no capítulo Arte indígena, do livro *As artes plásticas no Brasil*, organizado por Rodrigo Mello Franco de Andrade em 1952. Em ambos Cruls destaca um mesmo ponto: a idéia de que a constituição fisiológica do olho favorece e facilita a percepção de linhas retas.<sup>30</sup> Cruls considera a teoria de Hartt engenhosa, mas julga mais atualizadas as hipóteses de Max Smith, segundo as quais a decoração da cerâmica teria sua origem nas tramas da cestaria. Temos aqui, com quase sessenta anos de distância, a mesma passagem entre teorias que os americanos, como vimos anteriormente, já haviam feito.

Frederico Barata também cita Hartt em 1952, afirmando que é sua a melhor descrição da cerâmica de Maracá.<sup>31</sup> Por outro lado, quando se trata da origem do ornamento, a teoria mencionada é novamente a de Max Smith, sobre a cestaria.<sup>32</sup>

Nas décadas de 40 e 50 a cerâmica marajoara será estudada por uma nova geração de pesquisadores estrangeiros, como Helen Palmatary e Betty Meagers, e as teorias de Hartt sobre o ornamento serão definitivamente aposentadas. A arqueologia brasileira acelerou seu passo e não mais fazia sentido comentar teorias evolucionistas sobre o surgimento do ornamento. São as novas teorias que alimentarão livros posteriores como, por exemplo, a *História geral da arte do Brasil* (1983). No capítulo sobre a arte pré-colonial, Ulpiano Bezerra de Meneses sequer menciona o nome de Hartt, que, no entanto, ainda que de modo

<sup>28</sup> ROQUETTE-PINTO, Edgar. Introdução. In: HARTT, Charles Frederick. *Geologia e geografia física do Brasil*. Rio de Janeiro: Companhia Editora Nacional, 1941. p. 9. (Coleção Brasileira)

<sup>29</sup> ESTEVÃO, Carlos. *A Cerâmica de Santarém*. *Revista do SPHAN*, n. 3, p. 7, 1939.

<sup>30</sup> CRULS, Gastão. *Arqueologia Amazônica*. *Revista do SPHAN*, n. 6, p. 178, 1942; CRULS, Gastão. *Arte Indígena*. In: ANDRADE, Rodrigo Mello Franco de (org.). *As Artes Plásticas no Brasil*. Vol. 1. Rio de Janeiro: Sul América/Lar Brasileiro, 1952. p. 79.

<sup>31</sup> BARATA, Frederico. *Arqueologia*. In: ANDRADE, Rodrigo Mello Franco de (org.). *As Artes Plásticas no Brasil*. Vol. 1. Rio de Janeiro: Sul América/Lar Brasileiro, 1952, p. 38.

<sup>32</sup> Idem, p. 179.

8

velado, continua presente: a imagem apresentada de uma tanga marajoara<sup>33</sup> é a mesma litogravura de 1876, feita pela Angelo e Robin, Officina Lithographica a vapor da Revista *Ilustrada*,<sup>34</sup> a partir de fotografias do próprio Hartt, para ilustrar um artigo sobre cerâmica amazônica.<sup>35</sup>

### Referências Bibliográficas:

ANDRADE, Mario de. Curso de filosofia e história da arte. Anteprojeto do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (1938). São Paulo: Centro de Estudos Folclóricos/GFAU, 1955.

ANDRADE, Rodrigo Mello Franco de (Org.). *As artes plásticas no Brasil*. v. 1. Rio de Janeiro: Sul América/Lar Brasileiro, 1952. p. 7-10.

\_\_\_\_\_. Programa. *Revista do SPHAN*, n. 1, p. 3-4, 1937.

Arrivals at the hotels. *The New York Times*, New York, 29 ago. 1874.

BARATA, Frederico. Arqueologia. In: ANDRADE, Rodrigo Mello Franco de (Org.). *As Artes Plásticas no Brasil*. v. 1. Rio de Janeiro: Sul América/Lar Brasileiro, 1952, p.11-71.

BOAS, Franz. *El arte primitivo* (1927). México/Buenos Aires: Fondo de Cultura Economica, s.d.

FARIA, L. de Castro. *A contribuição de E. Roquette-Pinto para a antropologia brasileira*. Rio de Janeiro: Museu Nacional, 1959.

FREITAS, Marcus Vinicius de. *Charles Frederick Hartt, um naturalista no Império de Pedro II*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002.

FREITAS, Marcus Vinicius de. *Hartt: Expedições pelo Brasil Imperial 1865-1878*. São Paulo: Metalivros, 2001.

City and suburban news. *The New York Times*, New York, 14 fev. 1874.

CRULS, Gastão. Arqueologia Amazônica. *Revista do SPHAN*, v. 6, p. 169-220, 1942.

CRULS, Gastão. Arte Indígena. In: ANDRADE, Rodrigo Mello Franco de (Org.). *As Artes Plásticas no Brasil*. v. 1. Rio de Janeiro: Sul América/Lar Brasileiro, 1952, p.73-110.

CUSHING, Frank Hamilton. *A Study of Pueblo Pottery as Illustrative of Zuñi Culture Growth*. Fourth Annual Report of the Bureau of Ethnology to the Secretary of the Smithsonian Institution, 1882-83. Washington: Government Printing Office, 1886. p. 467-522.

<sup>33</sup> Cf. MENESES, Ulpiano Bezerra de. A arte no período pré-colonial. In: ZANINI, Walter (Org.). *História geral da arte no Brasil*. V. 1, São Paulo: Instituto Walther Moreira Salles, 1983, p. 37.

<sup>34</sup> REZENDE, Livia Lazzaro. *Do projeto gráfico e ideológico*. A impressão da nacionalidade em rótulos oitocentistas brasileiros. 2003. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Design – Mestrado) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2003.

<sup>35</sup> Cf. HARTT, Carlos Frederico. Notas sobre algumas tangas de barro cosido dos antigos indígenas da Ilha de Marajó. *Archivos do Museu Nacional*, n. 1, p. 21-25, 1876.

DÉLÉAGE, Pierre. *Brève chronologie de l'anthropologie de l'art (1800-1950)*. Disponível em: <http://pierredeleage.googlepages.com/syntheseanthropoart.pdf>. Acesso em: 13 mai. 2008.

Eighty-Seven Regular Meeting, Dec. 16, 1884. *Transactions of the Anthropological Society of Washington*, Vol. 3, p. 108-115, 6 nov. 1883 - 19 mai. 1885.

ESTEVÃO, Carlos. A Cerâmica de Santarem. *Revista do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional*, n. 3, p. 7-34, 1939.

FIGUEIRÔA, Sílvia Fernanda de Mendonça. A Comissão Geológica do Império do Brasil. In: DANTES, Maria Amélia M. (Org.). *Espaços da Ciência no Brasil: 1800-1930*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2001. p. 113-129.

HARTT, Carlos Frederico. A origem da arte ou a evolução da ornamentação. In: MATTOS, Aníbal. *Das origens da arte brasileira*. Belo Horizonte: Editora Apollo, 1936. p. 241-266.

HARTT, Charles Frederick. Evolution of ornament. *Popular Science Monthly*, v. VI, p. 266-275, jan. 1875.

HARTT, Carlos Frederico. Notas sobre algumas tangas de barro cosido dos antigos indígenas da Ilha de Marajó. *Archivos do Museu Nacional*, n. 1, p. 21-25, 1876.

HOLMES, William Henry. On the Evolution of Ornament – An American Lesson. *American Anthropologist*, v. 3, n. 2, p. 137-146, apr. 1890.

HOLMES, William Henry. Origin and Development of Form and Ornament in Ceramic Art. *Fourth Annual Report of the Bureau of Ethnology to the Secretary of the Smithsonian Institution, 1882-1883*. Washington: Government Printing Office, 1886. p. 437-466.

KUHN, Thomas. *A estrutura das revoluções científicas*. São Paulo: Perspectiva, 2007.

LOPES, Raimundo. A natureza e os monumentos culturais. *Revista do SPHAN*, n. 1, p. 77-96, 1937.

McGEE, W. J. In Memoriam: Frank Hamilton Cushing. *American Anthropologist*, n. 2, p. 354-380, 1900.

MENESES, Ulpiano Bezerra de. A arte no período pré-colonial. In: ZANINI, Walter (Org.). *História geral da arte no Brasil*. v. 1. São Paulo: Instituto Walther Moreira Salles, 1983. p. 21-45.

Prof. Hartt's expedition to Brazil. *The New York Times*, New York, 13 ago. 1874.

REZENDE, Livia Lazzaro. *Do projeto gráfico e ideológico*. A impressão da nacionalidade em rótulos oitocentistas brasileiros. 2003. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Design – Mestrado) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2003.

ROQUETTE-PINTO, Edgar. Estilização (1928). *Revista do SPHAN*, n. 1, p. 51-67, 1937.

ROQUETTE-PINTO, Edgar. Introdução. In: HARTT, Charles Frederick. *Geologia e geografia física do Brasil*. Rio de Janeiro: Companhia Editora Nacional, 1941. p. 9-10. (Coleção Brasileira)

10

SIMONDS, Frederick W. Professor Ch. Fred Hartt, M. A. – A Tribute. *The American Geologist*, v. XIX, n. 2, p. 81, 1897.

The Argentine Republic. *The New York Times*, New York, 21 nov. 1874.

TORRES, Heloísa Alberto. Contribuição para o estudo da proteção ao material arqueológico e etnográfico no Brasil. *Revista do SPHAN*, n. 1, p. 9-30, 1937.

TRIGGER, Bruce G. *A history of archaeological thought*. 2. ed. New York: Cambridge University Press, 2007.

WINTERER, Caroline. *The culture of classicism*. Ancient Greece and Rome in American intellectual life (1780-1910). Baltimore; London: The John Hopkins University Press, 2002.